

AS PREDIÇÕES DE HOUELLEBECQ: UMA FRANÇA VAZIA DE IDEOLOGIAS QUE SE SUBMETE AO ISLÃ

SUBMISSÃO

de Michel Houellebecq (Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, 256 p.)

resenha de Eliceli Katia Bonan¹

O livro *Submissão*, de Michel Houellebecq, foi lançado no mesmo dia do atentado ao jornal satírico Charlie Hebdo: 7 de janeiro de 2015. A França que vivia o trauma dos ataques é também cenário do livro do autor francês contemporâneo. O enredo se passa em se passa em 2022, quando um candidato da Fraternidade Muçulmana vence as eleições presidenciais e dá início a um regime republicano islâmico na França. E as coincidências não param aí: Houellebecq era capa do Charlie Hebdo na edição do momento do atentado. Satirizado como um mago prevendo a conquista do Islã aos países da Europa, ele próprio rendia-se, na sátira, ao jejum do Ramadã. É impossível determinar, contudo, se o ataque estava relacionado ao autor. Mas, depois do que aconteceu ao jornal francês, não se pode ler *Submissão* sem o horizonte dos ataques. Tampouco da atitude de Houellebecq que se seguiu: cancelou a turnê do livro e foi para o interior da França, temendo retaliações de algum *jihadista* islâmico.

Crítico do Islã e tido como misógino e islamofóbico, Houellebecq é conhecido por suas obras polêmicas. Seus personagens são, em geral, anti-heróis apáticos, niilistas, solitários, com famílias caóticas, vidas afetivas e sexuais insatisfatórias. As carreiras profissionais, por outro lado, são sempre de grande sucesso, para o qual eles não dão a mínima. A crítica, na descrição desse personagem “houellebecquiano”, é ao liberalismo ocidental contemporâneo e, para ele, carente de significado e crença. Em seu primeiro

¹ Eliceli Katia Bonan é jornalista e, atualmente, aluna do programa de pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, onde desenvolve pesquisa sobre meios pacíficos de resolução do conflito israelo-palestino.

livro, *Extensão do Domínio da Luta*, de 1994, retratou uma civilização humana sem possibilidade de salvação e chegando ao seu fim. O texto marcou o estilo negativo de toda a obra de Houellebecq e expos desde cedo o foco de seu trabalho: desencanto com a humanidade e desespero em relação à vida. Em termos de literatura, no entanto, sua escrita não é tão suntuosa como as de Orwell e Huxley, com quem é usualmente comparado. No caso de *Submissão*, por exemplo, o que sustenta o livro é a polêmica que seu enredo causa.

França, 2022

A história de *Submissão* se passa em um momento ímpar para a nação francesa. Após um disputadíssimo segundo turno nas eleições de 2022, a Fraternidade Muçulmana elege seu carismático candidato, Mohammed Ben Abbas. Concorrendo com Marine Le Pen, da Frente Nacional (personagem que não é fictícia), Ben Abbas vence as eleições ao aliar-se ao Partido Socialista, com o qual compartilha grande parte das ideologias. A única exigência da Fraternidade Muçulmana é a implantação do ensino religioso islâmico nas escolas. Como não há resistência dos socialistas, a aliança acontece. Desaparece do cenário político francês a histórica polarização entre centro-esquerda e centro-direita e um terceiro elemento – muçulmano, toma o cenário político, apoiado pelo Partido Democrata Europeu. O vice de Ben Abbas é o não fictício democrata François Bayrou.

O desenrolar da obra, contudo, não é centrado nos acontecimentos políticos do país. Quem toma as páginas de *Submissão* é um renomado professor de literatura da Universidade de Sorbonne, com uma vida pacata e apolítica. O professor François estuda a obra literária de Huysmans, escritor francês do século XIX, e é incrivelmente bem-sucedido na carreira profissional e acadêmica. Apesar desse sucesso, é individualista, solitário, de uma família disfuncional, não encontra nem no amor nem na vida qualquer satisfação e tem quase nenhuma bagagem ideológica. François é a representação, na sátira de Houellebecq, do cidadão francês comum deste século – orgulhoso de seus valores humanistas e ateus, mas sedento por sentido.

E não é à toa que François estuda Joris-Karl Huysmans. O famoso escritor centrou seu trabalho na jornada em busca de êxtase e vida espiritual, contrapostos ao vazio

existencial que experimentava em seus dias, na passagem para o século XX. O autor foi do satanismo ao catolicismo e, aos 44 anos, encontrou a fé no Deus cristão. Seus livros *À rebour* (1884), *Là-bas* (1891) e *La cathédrale* (1898) relatam a experiência de personagens certos de um retorno à fé como único meio de salvação. Huysmans torna-se para François um espelho – o professor está em seus 44 anos e experimentando o mesmo vazio espiritual. Separados por pouco mais de um século, à deriva da vida, céticos, alheios a qualquer crença ou ideologia, veem-se diante do dilema de dar um fim à vida ou encontrar para ela algo novo. François, apesar de não ter nenhum desespero, ou tristeza especial, pensa em suicídio. Desiste da existência, em suas palavras, “simplesmente pela lenta degradação da ‘soma total das funções que resistem à morte’” (Houellebecq, p. 173). Então, segue os passos de seu objeto de estudo e tenta uma conversão ao catolicismo. Porém, sem sucesso.

No meio dessa busca, François deixa Paris. Viaja ao interior da França, pois está apreensivo com os rumores de guerra civil que rondam a maior parte dos países da Europa. Enquanto isso, o presidente com um projeto de islamização chega ao poder. Mohammed Ben Abbas é, de fato, uma das figuras mais interessantes do livro. Diplomata simpático à mídia, jovem e paternal, encontrou pouca resistência e quase nenhuma oposição séria. Há, em todo o país, um ambiente de “uma aceitação tácita e suave” dos seus projetos de sociedade (Houellebecq, p. 171).

Para François, o novo presidente exerce uma magia hipnótica sobre a nação. Magia, aliás, que Houellebecq atribui não só ao presidente, mas ao Islã como um todo. Até mesmo os humanistas são agora favoráveis ao novo regime. É o caso do personagem Alain Tanneur, ex-funcionário do serviço secreto e conhecido de François. Ele vê em Ben Abbas a esperança do surgimento de um Império Europeu. Compara o presidente ao imperador romano Augusto, o único capaz de uma reunificação nacional. Nos discursos de Tanneur, fica clara a crítica e a ironia de Houellebecq. Para o personagem, o nacionalismo francês chegou ao fim no período entre as duas guerras mundiais. Não foi suficiente, portanto, para manter o sentimento de nação. Aos olhos de Tanneur, nos séculos anteriores, a cristandade medieval havia cumprido esse papel perfeitamente e foi o grande exemplo de civilização, durando mais de um milênio – muito mais do que qualquer revolução ou república. A cristandade deu tão certo que se ergueu como modelo a ser seguido. Contudo, suas falhas – ao assimilar o humanismo e secularizar-se – são, para Tanneur, o que impede o modelo cristão de ser redentor da civilização

ocidental. Só o Islã seria capaz de agregar esse elemento reunificador e redentivo: a Fraternidade Muçulmana é o último resquício de esperança da unidade nacional da França; e a sharia islâmica é a moral desejável, que restaura as crenças e a moral tradicional, bem como o conceito de família distorcido pelo pós-modernismo.

O mesmo discurso complacente, ou “hipnotizado”, aparece na classe intelectual politizada. A Universidade de Sorbonne, após as eleições, torna-se privada e administrada pela Irmandade Muçulmana Árabe. Seu novo reitor, Robert Rediger, é um nietzschiano convertido ao Islã. Discursa por uma luta necessária à instauração da “nova fase orgânica de civilização”. Rediger vê os valores seculares-humanistas e socialdemocratas como causa do suicídio do Ocidente, vazio de essências. “Sem a cristandade, as nações europeias não são mais que corpos sem alma – zumbis” (Houellebecq, p. 215), constata o reitor. Para ele, também, o combate por “alma para as sociedades” não poderia mais ser travado em nome do Cristianismo secularizado. Só o Islã, com suas populações imigrantes carregadas de valores tradicionais, teria a capacidade de travar a luta para salvar a civilização. Repousa no Islã a “chance histórica para o rearmamento moral e familiar da Europa” (Houellebecq, p. 233). É nesses discursos de Rediger que encontramos a explicação do título do livro: submissão, o significado literal de Islã, uma “ideia assombrosa e simples, jamais expressada antes com essa força, de que o auge da felicidade humana reside na submissão mais absoluta” (Houellebecq, p. 219).

Em absoluta submissão

Como consequência imediata da eleição do novo presidente, François começa a perceber sutis mudanças ao seu redor. Logo é colocado diante do dilema de converter-se ao Islã, e continuar parte do corpo docente da Universidade Islâmica de Paris-Sorbonne, ou aceitar a aposentadoria precoce. Em um passeio pelo bairro, François percebe como as manequins femininas das vitrines das lojas agora só usam calças compridas e blusas largas. No noticiário, fica sabendo que as escolas públicas estão sendo reestruturadas ao modelo do ensino islâmico – separação entre meninos e meninas, currículo adaptado ao Alcorão e apenas ensino primário obrigatório, sendo só certas carreiras abertas às mulheres e o ensino superior desestimulado. Ainda, em pouco tempo, a economia da

França melhora. Com a retirada das mulheres do mercado de trabalho e o retorno do abono salarial familiar, as taxas de desemprego despencam em queda livre já nos primeiros meses após a eleição. Se havia qualquer oposição política a Ben Abbes, ela se calou diante desse quadro.



Bertrand Guay / AFP – fonte: Carta Capital On-line

O regime islâmico francês do livro de Houellebecq é, portanto, um regime que vence pelo colaboracionismo: dos grupos políticos, da mídia que se abstém das perguntas polêmicas, da classe intelectual vendida aos petrodólares árabes. E François, que nunca antes preocupou-se com a política, fica impressionado como, de repente, essas mudanças alcançam sua vida. Resignado e apático, no entanto, preocupa-se menos com o cenário político do que com a total falta de perspectiva de futuro. Sem emprego, sem prazer, sem família, sem amigos. Tem uma aposentadoria três vezes maior do que poderia esperar no governo anterior, mas não tem onde nem com quem gastá-la. “Não há Israel para mim”, desabafa com uma aluna, a garota judia com quem teve um caso antes das eleições e da partida dela com a família para Tel-Aviv.

Não há escape, não há alternativas, não há nenhuma opção mais interessante. Há, por outro lado, caso decida colaborar, um gordo salário e três esposas à disposição,

estudantes muçulmanas escolhidas a dedo para satisfazer as diversas necessidades de um professor acadêmico – uma de quinze anos para os prazeres sexuais, uma de quarenta e poucos para as tarefas do lar e uma mais responsável e organizada para lidar com as questões administrativas da família. François acaba percebendo que submeter-se ao Islã não seria, de todo, ruim. Se decidisse colaborar, faltariam motivos para queixas.

Os temores de *Submissão*

Ao aproveitar-se de um assunto polêmico e atual na França – a islamização da identidade secular, Houellebecq faz uma jogada fantástica ao exagerar traços e temores do presente, chegando ao satírico. Não é à toa que, com poucas semanas de lançamento, *Submissão* explodiu em vendas. Porém, a obra também rendeu a ele uma acusação do Observatório Nacional contra a Islamofobia, integrante do Conselho Francês do Culto Muçulmano – CFCM, de ser islamofóbico, incentivando o ódio e o preconceito ao Islã.

Por um lado, Houellebecq é menos crítico ao Islã em *Submissão* do que é a outros grupos – à esquerda europeia, aos intelectuais, ao humanismo ateu, às mulheres. Por outro, sua obra explora e instiga sim fobias. A presença islâmica na França é a maior em todos os países da Europa. O crescimento em influência política do Islã é o grande temor do conservadorismo europeu, bem como a presença de grupos terroristas e de repetições do que se viu em janeiro de 2015 em Paris. Declarações como a de Aiatolá Khomeini de que “se o Islã não é político, não é nada” (Houellebecq, p. 190), ou de que o “Islã é universal ou não é” (Houellebecq, p. 231), permeiam *Submissão*. E Houellebecq lança ainda mais dúvidas em uma questão já suficientemente controversa: há, realmente, um projeto por parte do Islã, ainda que sutil, de islamização da sociedade europeia?

Nesse sentido, aliada aos ataques ao Charlie Hebdo, a sátira de Houellebecq torna-se quase uma predição apocalíptica: coloca o Islã como ameaça aos valores humanistas tão preciosos ao Ocidente. Talvez, exatamente aí a obra seja islamofóbica. Provoca grupos cujas vozes de oposição são ausentes em *Submissão*, os quais podem passar a ver no Islã um inimigo em franco crescimento a ser combatido, um apocalipse a ser evitado. Mais do que isso, Houellebecq dialoga com as ideias de Habermas, para quem a religião tem importância crucial às sociedades modernas e o “retorno ao

religioso” é um caminho inevitável. *Submissão* ironiza esse “retorno ao religioso”: o que no início do livro era uma terrível ameaça, termina sendo a única redenção possível para o protagonista. Consequentemente, para a civilização ocidental. E a uma sociedade orgulhosa de suas conquistas seculares nada pode ser mais pavoroso do que voltar a render-se à fé.